APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ TEMÁTICO: LINGUAGENS, TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA

DOSSIER: LANGUAGES, INFORMATION TECNOLOGIES AND HISTORY TEACHING

DOSSIER: LENGUAJES, TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y ENSEÑANZA DE HISTORIA

O objetivo deste número da revista *OPSIS* é abordar o uso variado de linguagens e tecnologias da informação no ensino de História. Partimos do pressuposto de que não é mais possível negar a força da informação e comunicação, dos meios digitais, no processo de educação formal e informal. Os computadores e as redes sociais, como *facebook, Orkut, badoo, quepasa, twiter, youtube*, dentre outras, inserem-se no cotidiano de professores e alunos como meios de contato e de relacionamento internos e externos às salas de aula.

O contato com esses suportes cria outras formas de saber, distintas, mas colaborativas, com o saber formal da escola. Contamos com as contribuições de professores e pesquisadores da educação que refletem sobre esses saberes e práticas, que incluem e relacionam diversas linguagens, sejam aquelas mais usuais como o cinema, os quadrinhos, a literatura, a música, sejam aquelas menos convencionais, como o ambiente virtual de museus, os jogos virtuais, softwares, twitter, dentre outros. O objetivo deste dossiê é, portanto, problematizar essas questões, bem como divulgar relatos de experiência do uso desses recursos no ensino médio e fundamental, bem como nos cursos de graduação e pós-graduação em História.

Os documentos oficiais sinalizam para uma perspectiva na qual o ensino de História deve permitir que os alunos ampliem, gradativamente, o conhecimento acerca de sua realidade, relacionando-a e confrontando-a com outras realidades, em outros tempos e outros espaços. Assim, supõe-se que os professores possam fazer suas escolhas, estabelecer critérios, selecionar saberes e orientar ações.

Vivenciamos um ritmo acelerado das mudanças que estão se produzindo em todas as ordens da vida. A globalização, o novo imperialismo, a expansão da possibilidade de difusão de informação e comunicação, são argumentos suficientes que justificam a importância do ensino de História. Cada vez mais se torna importante relacionar a função educativa do ensino de História, seus propósitos e suas finalidades, com a cidadania democrática e com a formação cidadã dos jovens.

Nessa perspectiva, acreditamos que os usos das diferentes fontes e linguagens no cotidiano das aulas de História, podem contribuir para que o ensino de História cumpra essa função. É importante que os estudantes não contemplem a História como pronta, mas aberta a interpretações. Nesse sentido, é fundamental ensinar as crianças e jovens a construir conceitos e situações problema; ensinar a selecionar e interpretar dados e informações de maneira a ter maior compreensão da realidade que estiver sendo estudada; ensinar a construir argumentos que permitam explicar a si próprios e aos outros, de maneira convincente a apreensão da situação histórica; significa enfim ter uma percepção mais abrangente da condição humana nas mais diferentes culturas e diante dos mais variados problemas.

Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula. O professor não é mais aquele que apresenta um monólogo para estudantes ordeiros e passivos que por sua vez "decoram" o conteúdo. Ele tem a vantagem de mediar relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações e o conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos de nossa realidade sócio-histórica.

Problematizar todas estas questões apontadas é o que fundamenta este número da revista *OPSIS* que, para tanto, apresenta entrevista, tradução, artigos temáticos que têm como perspectiva abordar questões relativas ao ensino de história e o uso de novas fontes e metodologias.

Abrindo esta edição temos o privilégio de apresentar uma entrevista realizada com o Professor Doutor Joan Pagès da Universidade Autônoma de Barcelona, intitulada "Tempo, Memória, linguagens e o ensino de História" realizada pela Prof. Regma Maria dos Santos, na qual o pesquisador fala sobre sua formação, a situação do ensino de história na contemporaneidade, o espaço dos estudos relativos ao ensino de história na pós-graduação, a distinção entre didática e metodologia do ensino de história, a utilização de computadores, filmes e literatura em sala de aula, o tema da temporalidade e do espaço no ensino fundamental. Pagès trata também do aspecto interdisciplinar do ensino partindo de enfoques centrados nos problemas sociais e nos aspectos diversos da vida cotidiana.

O professor Pagès autorizou ainda a tradução de seu texto "As fontes literárias no ensino de História". Neste artigo o autor propõe pensar como a literatura pode contribuir para a aprendizagem do passado, sugerindo ainda algumas idéias para a utilização prática desta fonte.

O Dossiê também reúne outros sete artigos que registram experiências, pesquisas e reflexões sobre a incorporação de diferentes fontes e linguagens no ensino de História. Artigos produzidos por professores pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e da América Latina.

A pesquisadora argentina Beatriz Aisenberg apresenta-nos o texto sobre os usos da escrita no ensino de história e observa as relações entre a leitura e a escrita relacionando-as a distintas finalidades, dentre elas a de avaliação do conhecimento. Abordando também a produção escrita no ensino de história, Regma Maria dos Santos apresenta-nos a possibilidade do uso da crônica, selecionando uma daquelas escritas por Rachel de Queiroz. Depois de analisá-la aponta caminhos para o trabalho do professor que culmina na escrita de crônicas pelos alunos. Para a autora este tipo de documento oferece uma leitura pessoal sobre certos temas e também uma percepção histórica mais ampla e mais crítica do mundo.

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior e Fabiana Conceição de M. G. Rodrigues refletem sobre o uso das histórias em quadrinho no ensino e na aprendizagem da História. Os autores analisam o material produzido para uma oficina sobre o tema, o relato dos professores e a produção dos alunos. Para ambos as HQs permitem a associação entre texto e imagem e podem instigar nos alunos o hábito da leitura enriquecendo o seu vocabulário.

O professor Cairo Katrib em seu artigo sobre narrativas audiovisuais tem como objetivo estabelecer um diálogo sobre a importância do uso destes recursos para a compreensão do conhecimento de História e de sua transposição e aplicação didática em diferentes níveis da educação formal. Para o desenvolvimento da atividade recorreu-se ao romance *Moça com Brinco de Pérola* de Tracy Chevalier, ao filme produzido com base nesta obra literária e análise da pintura que dá nome ao livro e ao filme. O estudo confirma que os usos de diferentes linguagens propiciam aos graduandos, despertar a capacidade crítica e dialógica de exercitar o olhar e reler o mundo a sua volta.

Pensar o uso de várias linguagens e da tecnologia como práticas pedagógicas no ensino de história é o que apresentam Camila Gonçalves Silva e Vitor Fonseca Figueiredo em seu texto. Os autores compreendem que ferramentas digitais, como internet, jogos ou redes sociais dinamizam e indicam possibilidades educacionais outras. Sugerem ainda o uso da iconografia, de filmes, música, arquivos, museus, mapas e literatura de cordel. Lembram que esta perspectiva insere-se nas diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, no tocante ao ensino de história no nível fundamental e médio.

Camila Nataly Pinho Dumbra e Eucídio Pimenta Arruda tratam, em seu artigo, da análise dos resultados parciais do projeto intitulado *Museu Virtual e Ensino de História*. O objeto desta pesquisa é a virtualização do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) e o objetivo principal é analisar

os limites e as possibilidades educativas deste Museu no ambiente virtual na construção de saberes históricos pelas crianças.

Os pesquisadores mexicanos Sebastián Plá e Xavier Rodríguez Ledesma chamam atenção, em seu artigo, para a perda do monopólio da escola na significação do passado nacional no México. Partindo desta premissa os autores investigam o uso do Twitter na criação de novos significados para personagens históricos mexicanos. Plá e Rodrigues esclarecem que os professores e pesquisadores da educação, ansiosos por incluir as novidades tecnológicas e culturais na sala de aula, buscam mecanismos tratando unicamente de seu aspecto instrumental. Os autores defendem que o importante não é a utilidade imediata do Twitter como ferramenta didática, mas sim a compreensão dos usos da história que ali estão sendo construídos.

Podemos remeter às considerações acima e aplicá-las a todos os novos meios e suportes que têm sido utilizados na construção do conhecimento histórico e no ensino de história. Encerrando as reflexões sobre o dossiê consideramos importante reforçar as considerações que o Prof. Joan Pagès apresenta em sua entrevista. Os computadores podem permitir que os alunos tenham facilidade para acessar as informações, fontes e documentos históricos de todos os tipos, que eles possam fazer visitas virtuais a museus, arquivos, consultando fundos arquivísticos de fotografia e cinema, por exemplo. Mas que cabe ao professor ensinar ao aluno como fazê-lo de forma complexa, evitando a prática simplista do "copiar e colar". O professor tem também de ensinar a discriminar estas fontes e interpretá-las. Ensinar que nem tudo que se apresenta como história é história.

Para além dos artigos do Dossiê, este número da revista *OPSIS* apresenta também os artigos abaixo sobre temáticas variadas, mas que organizamos procurando construir uma relação entre eles.

O artigo de Diego Pacheco discute a formação de alguns grupos dos onze em Santa Catarina no período entre 1961 e 1964. De acordo com o texto foi Leonel Brizola que conclamou a população a organizar-se em grupo de onze pessoas. A definição de onze membros se fez evocando-se a imagem simbólica de um time de futebol. O texto nos ajuda a compreender como os grupos brizolistas atuaram e em que meios sociais se desenvolveram, mostrando suas formatações e a memória construída com base nos relatos referentes a essa organização trabalhista e nacionalista.

Luiz Carlos Mariano da Rosa empreende reflexões sobre a visão de Estado em Maquiavel e em Weber sobre o Estado, a política e o poder e as dimensões éticas destes aspectos. Já Sérgio Campos Gonçalves examina as diretrizes principais por meio das quais Norbert Elias desenvolveu seu caminho teórico: as linhas gerais que fundamentam seu pensamento sociológico, como se estabelece o conceito de civilização em sua obra, a relação entre estrutura psíquica e formação dos Estados que constitui o processo civilizador e sua difusão através da colonização.

O texto de Maria Izabel Barboza de Morais Oliveira tem como objetivo refletir sobre o fato de que o amor à glória levou Luís XIV a empreender inúmeras guerras de conquista na Europa, objetivando aumentar o seu poder na França e no estrangeiro. O artigo destaca que, para legitimar as suas ações, o Grande Rei lançou mão de inúmeros tratados; e, para contar com o apoio dos franceses, ele recorreu ao poder da propaganda.

Numa perspectiva contemporânea o artigo de Luiz Humberto Martins Arantes tem como ponto de partida as mais recentes reflexões sobre a questão da memória no estudo de encenações teatrais que procuraram tecer, em cena, subjetividades e memórias de determinados personagens. O autor elege três deles: Sarah Kane, Pau Casals e Grande Otelo, e a transposição de suas vidas para a cena teatral como objetos de análise de uma história do espetáculo.

Alguns artigos deste número da revista *Opsis* propõem-se a pensar a questão de gênero e identidade. Daniele Gallindo Gonçalves Silva parte da apresentação das principais discussões linguísticas sobre a categoria corpo (*lîp,* em Médio-Alto-Alemão) e de uma apresentação do conceito de masculinidade. O texto analisa as construções discursivas acerca da figura Trevrizent de *Parzival* de Wolfram von Eschenbach, com a finalidade de refletir e repensar os modelos masculinos na obra em questão. O artigo de Fernando César P. Pereira e Lucas Augusto Ribeiro teve por objetivo realizar uma análise da identidade masculina e sua relação com a violência doméstica através de escutas terapêutico-educativas. O trabalho, enfocando o conceito analítico de identidade, permitiu observar que a identidade masculina é construída de modo individual e cultural, podendo o sujeito vir a representar diversos modelos impostos pelas relações sociais, necessitando do processo de emancipação para revisão de condutas e adoção de novas posturas.

No artigo de Cláudia de Jesus Maia, Leonardo Turchi Pacheco e Regina Célia Caleiro os autores elaboram uma reflexão acerca dos discursos e representações produzidas por matérias de jornais veiculadas no *Diário de Montes Claros* que privilegiam, em seu enfoque, a violência perpetrada pelas mulheres, entre os anos de 1971, 1972, 1975 e 1979. A partir dos dados coletados, procura-se compreender os processos de construção da imagem da mulher agressora, pela mídia, ou seja, uma mulher que não se afigura mais como vítima, mas sim como protagonista de situações de violência.

Finalizando esta edição publicamos a resenha "Imaginário e crime no Brasil, golpes, golpistas e suas vítimas", escrita por Getúlio Nascentes da Cunha sobre o livro *Os contos e os vigários* de José Augusto Dias Júnior, resultado de sua tese de doutorado defendida na USP e publicada pela editora Leya. O autor do livro, ao longo de sua narrativa, leva-nos a percorrer as principais trapaças que foram aplicadas no Brasil desde o final do século XIX até os dias atuais. Algumas destas trapaças são destacadas por sua permanência e sua capacidade de adaptação aos tempos.

Agradecemos a colaboração de todos os autores deste volume e acreditamos ter realizado um documento importante a cerca das reflexões atuais que dizem respeito à questão do ensino de história, aos fundamentos téoricos, políticos e culturais, que culminam em práticas ao longo dos séculos, bem como à questões relacionadas ao debate sobre gênero e identidade.

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior
Luzia Márcia Resende Silva
Regma Maria dos Santos

Abril de 2013